

Os Tempos da Viagem Para o Idoso: Antes, Durante e Depois

Alessandra Silva Carvalho¹

Maria do Rosário Rolfsen Salles²

Resumo

O significativo aumento da população idosa no mundo vem suscitando o interesse de diversos campos do conhecimento. No que tange ao campo do Turismo é notória a discussão a respeito do envelhecimento, uma vez que os idosos se configuram como potenciais viajantes. Em face desta constatação, neste trabalho apresentam-se os resultados da pesquisa sobre os tempos da viagem para o idoso, oriundos de uma investigação mais ampla desenvolvida para a dissertação de Mestrado. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com a aplicação de um roteiro semi-estruturado com sete idosos que viajam com determinada regularidade, realizou-se análise de conteúdo com os dados recolhidos. Os resultados apontaram para o papel que as viagens cumprem no cotidiano destes idosos, bem como indicaram desdobramentos importantes sobre o papel relevante dessas viagens para a sociabilidade destes indivíduos.

Palavras-chave: Turismo. Lazer. Envelhecimento. Viagem. Idoso. Sociabilidade.

Introdução

Recentemente o envelhecimento populacional passou a ser objeto de preocupações em diversos âmbitos da sociedade e o assunto tem sido amplamente tratado sob diversos aspectos,

¹ Graduada em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi. Especialista em Ecoturismo e Turismo Rural pelo Centro Universitário Senac. Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Docente do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo. E-mail: alecarvaho8@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-Doutoramento em Sociologia Urbana junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales.. E-mail: mrrsalles@uol.com.br

de vertentes relacionadas à saúde, à economia, entre outros. Do ponto de vista da área do Turismo, observa-se com destaque o apelo relacionado à segmentação de mercado que o idoso representa, mas também surgem novas formas de discussão que passam pelos campos do lazer e da sociabilidade, como alternativas de enfrentar melhor a longevidade.

Para tratar sobre o envelhecimento, neste trabalho, considera-se como idosa as pessoas com 60 anos ou mais, segundo o critério adotado pela Organização das Nações Unidas – ONU (2002). Neste trabalho, a faixa etária a ser estudada enquadra-se no perfil descrito como Terceira Idade, entretanto, a fim de evitar juízo de valor, utilizar-se-á o termo *idoso* para referenciá-los.

No Brasil, atualmente, cerca 10% da população está acima de 60 anos e as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008) apontam que haverá o aumento para 32 milhões de pessoas em 2020, o que colocará o Brasil na 6ª posição em número de idosos no planeta.

A velocidade no aumento da faixa etária maior de 60 anos, aliada à concepção do idoso como segmento de mercado, provocou o surgimento da oferta de produtos e de serviços direcionados para esta parcela da população em diversos setores.

Assim, corroborando com Dumazedier (1994), pode-se dizer que a amplitude e a diversidade do fenômeno do envelhecimento estão suscitando na sociedade um processo de aprendizagem sobre uma nova categoria de idade que questiona os paradigmas da fase terminal da vida e entende que é preciso conhecer as formas próprias de sociabilidade e auto-organização dessa faixa de idade.

Diante do exposto, neste trabalho, pretende-se desenvolver uma maior compreensão sobre os conceitos relacionados ao processo de envelhecimento e sua interface com o lazer e o turismo. Tal fato será percebido, especialmente sobre a representação da viagem na vida social dos idosos.

Assim, propõe-se realizar, como objetivo central do trabalho, uma discussão sobre as motivações, representações e conseqüências da viagem para os idosos entrevistados. Optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro foi organizado visando ressaltar categorias que permitissem recompor os momentos classificados como “o antes”, “o durante” e “o depois” da viagem, como momentos construtores da sociabilidade entre os elementos envolvidos.

Assim, este trabalho é uma tentativa de colaborar no maior e melhor conhecimento desta faixa etária, sob uma ótica ainda pouco estudada, que é a relação com o Lazer e o Turismo.

Novos aspectos do envelhecimento: o lazer e a viagem

A faixa etária maior de 60 anos tem apresentado, paulatinamente, diversas manifestações de organização, tais como os grupos de convívio e as associações de caráter diverso, as chamadas Universidades da Terceira Idade, os clubes, as instituições religiosas, entre outros, o que indica que os idosos estão se preparando para compreender e viver melhor esta etapa da vida

Diante do levantamento realizado sobre o envelhecimento, pode-se deduzir que no processo de envelhecimento há uma redução no exercício da sociabilidade, possivelmente ocasionada pela saída do mercado de trabalho, pelo advento da aposentadoria, pelo término de obrigações civis e, em muitos casos, também familiares. É o que os estudiosos chamam de perda de papéis sociais, uma vez que a falta de compromissos formais pode acarretar sensação de vazio, de solidão, de rejeição, entre outras sensações angustiantes que podem gerar algum tipo desconforto mental e psicológico.

Na verdade, o aumento do tempo livre nesta faixa etária poderia ser canalizado para uma nova concepção e reorganização da vida. Entretanto, a falta de educação para o tempo livre acumulada ao longo dos anos interfere na interpretação desta fase.

Nota-se que, ainda que não seja uma realidade predominante, este paradigma de velhice encontra-se em transformação, haja vista as já mencionadas manifestações organizacionais a fim de auxiliar na construção de um olhar positivo sobre o envelhecimento. De modo que se pode inferir que as atividades de lazer cumprem um papel fundamental na sociabilidade dos idosos.

Oliveira (1996) coloca que o estilo de vida da sociedade capitalista impede a formação de hábitos de lazer que se acentuam com envelhecimento e, conseqüentemente, ajudam a promover a desestabilização do idoso no meio social e dificultam a auto-expressão, a criatividade e a participação, quando, na verdade, o lazer para o idoso deveria significar manutenção do equilíbrio físico e social, afastando-o do processo de isolamento.

Observa-se que, ao contrário do que era esperado, o aumento do tempo livre e a diminuição dos gastos em consequência da diminuição das responsabilidades domésticas e profissionais, não aumentam significativamente o interesse do idoso por atividades de lazer, sendo estas cada vez mais restritas com o passar dos anos. (OLIVEIRA, 1996, p. 114)

Os estudos desenvolvidos por Pauli (2001, p. 46) apontam que:

A dificuldade de ocupar o tempo livre afeta todos os indivíduos, mas atinge os idosos de maneira particular, em decorrência da sociedade, supervalorizar o período ocupado pelo trabalho produtivo. Soma-se a esse fator social a mudança do padrão financeiro e a predisposição ao desenvolvimento de problemas psicossomáticos em virtude das dificuldades de auto-expressão, criatividade e participação, bem como a desagregação do idoso do seu meio social.

A imposição das qualidades do tempo do trabalho na sociedade moderna faz com que o indivíduo negligencie as qualidades do tempo do lazer ao longo da vida adulta, fazendo com que na velhice esta falta de cultura para o lazer se torne um obstáculo à aceitação e ao regozijo do tempo livre. Tendo em vista que por um lado a aposentadoria traz o conflito do vazio e do tédio, e por outro lado, ela apresenta ao indivíduo a possibilidade de descanso e de vivências diferentes das enfrentadas no cotidiano do trabalho, onde ele pode conceber uma nova visão do mundo e fazer novas descobertas.

Desse modo, as atividades de lazer podem representar a oportunidade de estabelecer atitudes em relação à sociedade em que o idoso se encontra. A realização de atividades de lazer estimula o indivíduo a compartilhar experiências coletivas, que podem promover seu desenvolvimento pessoal e social.

Embora as atividades de lazer da população idosa ocorram predominantemente em ambiente doméstico, provavelmente, face às escassas condições financeiras próprias da população em geral de países em desenvolvimento, quando perguntado sobre a idealização a respeito do lazer: 59% gostariam de realizar atividades fora de casa, sendo que o maior desejo é viajar ou passear, apontado por 35% dos entrevistados (DOLL, 2007).

Doll (2007, p. 113) relatou ainda que “Viajar é o maior sonho de todos, especialmente dos idosos jovens (60-64 anos: 44%) e das pessoas com alta escolaridade (ensino médio/superior: 36%)”.

Deste modo, planejar uma viagem ou aguardar a sua realização cumpriria um papel valioso na avaliação dos ganhos da velhice, bem como das expectativas em relação a esta fase da vida.

Não se pretende aqui, colocar a viagem como elemento “salvador” do tédio ou do vazio que pode ser decorrente do envelhecimento, pelo contrário, pretende-se apontar possibilidades de momentos satisfatórios na velhice, que também podem ser decorrentes de outras atividades, sejam elas de lazer ou não.

A pesquisa

A presente investigação apoiou-se em um roteiro que permitiu realizar entrevistas semi-estruturadas, com sete idosos que viajam freqüentemente. As perguntas foram formuladas considerando o referencial teórico que cruza envelhecimento e turismo, buscando a traços de sociabilidade que eventualmente acontecessem em virtude do desenvolvimento de viagens.

Iniciou-se com perguntas relativas ao histórico das atividades turísticas, ou seja, se eles tinham o hábito de viajar ao longo de sua vida, se viajavam com a família, quais os destinos, como se sentiam nestas viagens, entre outras coisas. Em relação às viagens na atualidade, seguiu-se com questionamentos que perpassavam pela opção de viagens. Abordaram-se as diferenças percebidas em relação às viagens realizadas quando eram mais jovens. Explorou-se qual o julgamento dos entrevistados sobre as viagens em relação às outras atividades de lazer. Sobre o processo da viagem, propriamente dita, optou-se por subdividir os tempos da viagem em antes, durante e depois, para melhor compreender os tempos da viagem.

O questionamento sobre o ‘*Antes da viagem*’ abarcava aspectos relacionados às expectativas dos entrevistados quanto às viagens. Já quanto ao ‘*Durante a viagem*’ buscou-se entender como os entrevistados avaliam a viagem, considerando componentes tais como: o destino, os critérios para avaliação dos serviços como hospedagem, transporte, alimentação, compras e, também, dos profissionais com quem interagiram. Também se indagou sobre aspectos subjetivos da viagem, como por exemplo, a convivência num tempo e espaço diferente do cotidiano e os possíveis conflitos advindos desta convivência ou, o contrário,

quais os benefícios dela. Em relação ao *‘Depois da viagem’* explorou-se duas questões principais: a memória e a sociabilidade, assuntos relevantes na discussão sobre o envelhecimento e que, em geral, aparecem de formas distintas na literatura, mas que na temática do turismo pode-se debater paralelamente, cada um cumprindo um papel fundamental na velhice.

Portanto, na medida em que as atividades de lazer puderem contribuir para ativar a memória estarão cooperando para a representação da velhice dos sujeitos nela envolvidos.

No que concerne à sociabilidade, partiu-se do princípio de que o turismo desempenha um papel social ao mesmo tempo em que as viagens favorecem o contato mais próximo com o outro e, até mesmo, mais íntimo, o que, eventualmente, pode favorecer a aproximação e o vínculo, podendo, assim, a experiência da viagem ampliar o círculo de amizades.

Questionou-se sobre como os entrevistados sentiam-se após da viagem, abordando como se dava este processo em relação aos seus espaços sociais, se ele costuma relatar suas experiências para a família, se mostrava as fotos e também se reencontrava os amigos de viagem em outras ocasiões.

Resultados da pesquisa

Nesta seção serão apresentados os resultados da pesquisa com transcrição e alguns trechos³, de acordo com a pertinência do assunto. Tendo em vista a preservação da identidade dos entrevistados, cada um recebeu a denominação de uma pedra preciosa.

Observa-se que todos os entrevistados já gostavam e tinham o hábito de viajar antes da aposentadoria, entretanto, a configuração das viagens era muito diferente, normalmente as viagens eram com a família, com frequência reduzida, respeitando especialmente o calendário escolar, período em que os filhos podiam viajar, sendo que a casa de praia ou de campo, segunda residência, era a opção mais freqüente.

A abordagem relativa ao momento *‘Antes da viagem’*, ou seja, sobre como é o processo de preparação, identificou-se que a escolha do destino em si não tem muita importância. Porém um critério comum a todos os entrevistados é a preferência por lugares

³ Será utilizada grafia em itálico para identificação da ‘fala’ dos entrevistados.

novos: *“Eu não opino muito, meus filhos é que escolhem o lugar, mas eu faço uma exigência de conhecer alguma coisa que eu nunca vi. Por exemplo, eu já fui umas dez vezes pra Paris, se eles quiserem ir pra lá de novo eu vou, mas eles já sabem que eu vou escolher algum programa novo. Pode ser um restaurante, um lugar qualquer, mas eu quero aprender alguma coisa nova, que eu nunca vi antes”* (Berilo). Já outra entrevista diz: *“Ah eu não vou na próxima viagem por que é repetida, eu já conheço Maceió, então não quero gastar pra ir num lugar que eu já fui. Prefiro guardar pra ir em outro lugar novo”* (Ágata).

Por outro lado, existem ainda os idosos que fizeram declarações positivas sobre a reincidência de lugares visitados. Neste caso enquadram-se as viagens para visitar familiares, em geral filhos. Pode-se dizer que nestas viagens eles são mais passivos em relação às atividades de lazer e de turismo, pois se envolvem pouco ou nem chegam a se envolver nestas atividades no destino visitado.

No processo de preparação da viagem os entrevistados costumam procurar informações sobre o destino a ser visitado, característica comum a outras faixas etárias, contudo o que chama a atenção é o fato de fazerem isso depois de já terem efetuado a compra, o que foi apontado pelos entrevistados. *“Eu adoro viajar. Acho até que é a coisa que mais gosto de fazer, quando as filhas programam uma viagem nem precisa convidar, a gente se convida antes”* (Berilo). *“Eu gosto muito de viajar. Quando a gente viaja conhece a vida. Eu vou em todas as viagens que eu posso mesmo”* (Pérola).

Antes da viagem os entrevistados costumam pedir opinião das pessoas próximas sobre a arrumação da mala e sobre a decisão dos passeios que realizarão, sendo comum a interferência da família neste sentido. Quanto aos aspectos subjetivos pré-viagem, destaca-se a ansiedade e curiosidade pelo que acontecerá na viagem.

Quando se trata do processo *‘Durante a viagem’*, percebeu-se que há unanimidade na preferência por realização de viagens habitualmente chamadas por eles de “excursão”, referindo-se aos pacotes das agências de viagem; a eleição de viagens organizadas por terceiros aponta para a necessidade de transferir a responsabilidade da organização da viagem e também pela confiança no atendimento de profissionais da área. *“É a agência que organiza, fica mais fácil, a gente já conhece e confia”* (Pérola). *“A coordenadora é quem vê tudo. Ela sempre contrata a agência e fica tudo certo”* (Ônix).

Embora seja comum a preocupação com a saúde, pode-se perceber que durante as viagens pode haver negligência da rotina em relação aos cuidados com a saúde,

principalmente no que concerne à medicação. *“Eu não tomo direito os remédios não, só quando eu sinto alguma coisa [risos] tomo uma cervejinha, um vinhozinho no jantar, é bom e ninguém é de ferro. Minha filha é que não pode saber [risos]”* (Ágata).

Para que uma viagem seja considerada boa, não há critérios bem definidos, em geral, demonstram gostar de tudo que dá certo. Os incidentes é que poderão influenciar em uma avaliação negativa, entretanto, não é uma avaliação da viagem como um todo, mas sim de algum aspecto. Um dos aspectos está atrelado ao não ter que preocupar-se: *“Eu não gosto de ter stress. Quero aproveitar a viagem”* (Berilo).

Outros pontos citados foram sobre ter a programação ou o roteiro da viagem, pois gostam de acompanhar o que vai ser feito durante a viagem e se programar para tal. O horário, isto é, o cumprimento dele, também foi mencionado. A pontualidade na execução do roteiro e, principalmente, o respeito do horário entre os participantes do pacote. Neste caso, duas declarações destacaram-se: *“O que eu não gosto na excursão é daquele pessoal que não chega no horário. Fica todo mundo esperando, enquanto poderia estar conhecendo alguma coisa, daí atrasa o roteiro e a gente pode perder de ir nalgum lugar que tava programado e tinha horário”* (Jade) e *“Eu sou muito rígida com horário. E não to errada. Errado é quem chega atrasado. Tem que aprender a cumprir o horário. Se tá combinado pra sair do hotel tal horário, tem que sair tal horário. Eu acho isso um desrespeito”* (Pérola).

Em relação aos serviços, a avaliação destes versa de maneira diferenciada. Sobre a hospedagem os entrevistados não demonstraram muita preocupação com o nível dos hotéis, se preocupam mais que estes façam jus à compra feita. *“Se eu paguei por um hotel quatro estrelas, quero um quatro estrelas. Não um duas estrelas [...] não tem problema ficar num hotel de duas estrelas, mas tenho que pagar por duas, então”* (Berilo).

Sobre as compras as respostas foram divergentes, embora alguns demonstrassem não se preocupar com isso. Outros fazem questão de trazer algo que represente o lugar visitado. *“Eu gosto muito de fazer compras, separo parte do dinheiro e trago um monte de coisas. Meu guarda-roupa tá cheio de camiseta de tudo quanto é lugar. Minhas filhas não agüentam, já falaram pra eu parar com isso, mas eu compro, pra um, pra outro”* (Ágata). *“Vixe, compras. A gente compra muito. Sempre vai eu e a minha mulher e a gente traz um monte de coisa, por que tudo que traz pra um, tem que trazer pro outro. Também, a gente não sabe quando vai voltar lá pra comprar de novo”* (Ônix).

Sobre os profissionais que têm contato com eles, esperam que sejam gentis e carismáticos. *“O rapaz lá da agência é muito bonzinho, mas eu não gosto muito dele, por que ele é assim... meio sem nem açúcar. Ele não tem carisma!”* (Pérola). Outro depoimento aponta: *“Eu presto muita atenção como o pessoal trata a gente. É da Terceira Idade, tem que tratar bem, não pode tratar assim de qualquer jeito. Eu gosto de ir em lugar que sou bem tratado, pra me sentir bem* (Topázio).

Em relação à integração entre os participantes da viagem, houve menção à observação de como o grupo se comporta para integrar-se a ele, como por exemplo, com as roupas. Nos passeios de um dia Ágata, Esmeralda e Pérola disseram que preferem se vestir de maneira mais simples, pois estes passeios costumam ser mais baratos e que mais pessoas de baixo poder aquisitivo participam e não acham bacana vestirem-se diferente das outras para não ficarem excluídas do grupo, para não parecerem, nas palavras de Esmeralda: *“metida à besta”*.

O retorno da viagem, chamado aqui de *‘Depois da viagem’*, é vivido pelos entrevistados com intensidade, pois ao voltar para casa desejam contar os detalhes de suas aventuras às pessoas próximas: *“Sempre conto como foi, o que eu fiz de bom. É muita coisa pra falar, nem dá pra falar por telefone, tem que ir na casa pra contar tudo”* (Safira).

Apesar desta euforia, relataram que sentem cansaço após a viagem, pois lá se permitem tudo, saem da rotina. *“Quando a gente volta, eu penso ‘ainda bem que tenho meu cantinho’, por que volto esgotado”* (Ônix).

Alguns depoimentos apontaram a viagem como compensatória no sentido de ser fonte de aprendizado e conhecimento. *“[...] quanta coisa se aprende viajando. Tem tanta coisa diferente. Por isso que eu gosto de viajar, pra aprender”* (Topázio). Já outro coloca: *“Eu gosto de saber como são as coisas de cada lugar, a cultura, a história, é fascinante viajar por isso* (Berilo). *“Eu to descobrindo a vida, o mundo! Veja você que eu nunca tinha pensado em viajar de navio e já to indo pro meu quarto cruzeiro. Esse último que eu fiz foi até a Argentina e eu nem falo espanhol, mas já voltei com umas palavrinhas na ponta da língua”* (Ágata).

Entre todos os entrevistados apareceu o tema foto com especial relevância, sendo que todos admitiram satisfação em fotografar as viagens para mostrar aos outros e também para lembrar-se da viagem. Um caso interessante é o de Pérola que registra todos os momentos da viagem, ela costuma editar as fotos das viagens e reúne as melhores para fazer uma apresentação. Motivo de reunião pós-viagem, para a qual convida os companheiros de viagem

para relembrar os momentos que passaram. Ao final ela distribui uma cópia da apresentação para cada um dos colegas, para esse momento também é convidado o representante da agência de viagens que os acompanhou e mesmo que este não possa estar presente, ela envia o CD de recordação.

Além do aspecto recordação, estes encontros suscitam outra interpretação relacionada à sociabilidade e ao estreitamento dos vínculos entre os participantes da viagem, uma vez que enquanto reúnem-se exercitam e reforçam a amizade.

Ressalta-se que os objetos adquiridos durante as viagens cumprem um papel na memória dos idosos, trazendo à tona a recordação de um momento especial.

Da mesma forma os objetos funcionam como emblemas, elementos distintivos que atuam no reconhecimento social e que, por vezes, aparecem envolvidos numa trama simbólica em que valores sentimentais, como aqueles ligados a uma figura familiar a que originalmente pertenceu o objeto, mesclam-se com valores sociais, que os classificam como indicadores de distinção e refinamento (FERREIRA, 1998, p. 218).

Isso fica claro quando todos os entrevistados, tanto aqueles que só compram o que realmente gostam, quanto aqueles que compram tudo que vêem pela frente, fazem questão de mostrar o objeto e contar sua história, fato ocorrido em todas as visitas realizadas para a concretização da entrevistas. A função do *souvenir* está além da sua utilidade propriamente dita.

Considerações finais

A partir da pesquisa realizada foi possível observar que, de fato, os idosos atualmente estão distantes da imagem de isolamento e de caducidade construída historicamente. Uma das características que chama a atenção para esta nova configuração da velhice é a maneira como este grupo etário vem se organizando, de modo a manter uma rede de apoio social durante o processo de envelhecimento, verdadeiros espaços de hospitalidade.

No tocante às atividades de lazer na velhice, observa-se que há divergências no entendimento sobre o tema, entretanto, cada um a seu modo internalizou o princípio básico da definição de lazer que compreende o livre arbítrio e o prazer.

Confirmando outros estudos, a viagem está entre os principais desejos do idoso e tem especial destaque nas preferências de lazer entre dos entrevistados por suas características de desenvolvimento pessoal e cultural. Obviamente, o fato de este grupo ser financeiramente privilegiado lhes permite gozar sem maiores dificuldades econômicas de um número de viagens maior que o grosso da população brasileira.

Constatou-se que as expectativas anteriores à viagem são subjetivas na medida em que cada um busca nela o preenchimento de lacunas individuais e variadas que muitas vezes configuram-se como motivadoras na concretização da viagem, especialmente, pelo caráter libertador da viagem apresentado pelos entrevistados.

Em relação às outras atividades de lazer, a viagem tem uma característica particular, uma vez que a atividade não começa e termina durante a sua execução. Ao contrário, a dinâmica da viagem compreende o antes e o depois e, tanto o grupo familiar primário quanto o grupo de amigos próximos, participa de alguma maneira do processo que envolve o planejamento e a ansiedade da pré-viagem e continuam envolvidos no ‘pós-viagem’ por meio da conversas e das recordações advindas da experiência vivenciada.

Cabe colocar que os aspectos reveladores e satisfatórios das viagens não lhes conferem caráter mágico e não podem ser considerados como desejo unânime e/ou exclusivos entre os idosos, nem tampouco pode ser tratado como salutar para o envelhecimento saudável ou para concepção de qualidade de vida.

Os entrevistados comprovaram que a avaliação positiva ou negativa da velhice depende de um conjunto de fatores que envolvem sua saúde física, o bem estar de sua família, a oportunidade de acesso a serviços e produtos, vinculados ao seu histórico sócio-econômico, entre outros.

A interpretação dos dados coletados nas entrevistas demonstra que, de fato, os idosos depositam nas atividades de lazer e no turismo, ou seja, nas viagens o desejo de manterem-se socialmente ativos e são recompensados por alcançar a finalidade da atividade em si e, igualmente, pela ampliação da sociabilidade.

Assim, a viagem tem especial destaque na concepção de bem estar subjetivo percebidos pelos entrevistados, colaborando diretamente para a melhoria da qualidade de vida e da velhice bem sucedida.

À parte a consideração sobre a pesquisa propriamente dita registra-se na finalização deste trabalho a contribuição para o campo de conhecimento do Turismo, ainda que não fosse

este o propósito principal desta investigação, nota-se que alguns apontamentos podem sugerir a melhoria dos serviços turísticos. No que tange aos aspectos objetivos e operacionais faz-se necessário atentar às particularidades do idoso, como as restrições de mobilidade e de saúde, para melhor atendê-lo sem, no entanto, parecer que se trata de um arranjo excludente. Quanto aos aspectos subjetivos do serviço, chama a atenção para a densidade do significado que o lazer e o turismo podem exercer na concepção de qualidade de vida do idoso que adquire este tipo de serviço. Também não se pode deixar de colocar sobre a postura dos profissionais que lidam este público, o qual anseia um tratamento que respeite sua dignidade e autonomia.

Referências

- DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007.
- DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA - IBGE. *Tábuas completas de mortalidade – 2007*. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1275>. Acesso em: 16 jan. 2011.
- OLIVEIRA, Yeda Aparecida Duarte de. O lazer do idoso. In: RODRIGUES, Rosalina A. P.; DIOGO, Maria José D. (Orgs.) *Como cuidar dos idosos*. Campinas, Papirus, 1996. Coleção Vivacidade. p. 113-120.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. *Plano de Ação Internacional para o envelhecimento*. Madri, 2002.
- PAULI, Cibele Tombolato de Castilhos. O lazer na terceira idade: um estudo de caso. 2001. 143 f. Dissertação (Mestrado em Turismo)- Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo, 2001.